



A Importancia da Tutoria na Educação

Entrevista com o professor José Luis Gonzalez-Simancas (Antigo diretor de Gaztelueta, doutor em Filosofia e Letras (Pedagogia) pela Universidade de Navarra, com tese sobre tutoria, professor com titulação máxima na mesma Universidade de Navarra na matéria Orientação e Didáctica) em Junho de 2004

1- O senhor, que foi um dos pioneiros em aplicar o sistema de tutorias nos colégios da Espanha, a que conclusões chegou com referência a esse método de ensino e orientação?

A essência da educação é o crescimento pessoal, o desenvolver ao máximo as próprias possibilidades: isso é educar-se. É uma tarefa que necessita de ajuda. Para dizer brevemente, a tutoria bem exercida é a mais eficaz ajuda para a formação completa da personalidade: intelectual, moral, afetiva e cívica dos alunos. Através da comunicação que se estabelece entre professor e aluno, ambos se conhecem melhor e podem dialogar com liberdade para descobrir o projeto de vida mais adequado para o estudante em processo de formação: projeto pessoal, profissional, cívico e finalmente cristão, se cristão o aluno for.

2- Como você definiria o tutor?

Um tutor não é necessariamente um psicólogo ou um psicopedagogo, como são os “orientadores educacionais” na terminologia oficial. Se ele souber psicologia, tanto melhor. Mas o tutor é antes de tudo professor. É o professor que ajuda o crescimento do aluno em todas as suas dimensões, não apenas intelectual, como já disse. Através de sua atuação o professor como que forma o carácter e o intelecto de seus alunos. Por outra parte, é o educador escolar que tem uma relação mais próxima e diária com os alunos, em comparação com o “orientador educacional”, que tem outras atividades profissionais.

3- E o que a tutoria agrega ao aluno?

Como já disse, o encaminha para seu crescimento integral. Permita-me usar de uma metáfora muito gráfica: em castelhano, a palavra “tutor” também significa aquela estaca que se crava junto ao arbusto ou árvore recém-plantados para ajudá-los a crescer retos, e a ganhar altura. A arvorezinha ao crescer se sustentará por si mesma. Então o tutor terá terminada a sua missão de apoio, de ajuda ao crescimento. É exatamente isso. A metáfora é muito clara, com a ressalva de que no relacionamento entre tutor e aluno são

os dois que crescem e se enriquecem como pessoas no exercício da tutoria. Outra diferença essencial: a árvore não tem liberdade, enquanto que o aluno, como pessoa que é, tem a liberdade de se comprometer ou não com o trabalho conjunto que a tutoria supõe.

4- Diga-me então: como a tutoria afeta a liberdade do aluno, e seu desenvolvimento pessoal?

Decisivamente. Como costumo dizer, em educação é imprescindível que o aluno, quando esteja capacitado para isso, - não antes, mas também não depois – em um ato radicalmente livre, decida fazer o que deve fazer, porque isso é bom, porque é o melhor, e porque ele livremente assim o quer, porque vai fazer dele uma pessoa madura, um cidadão responsável, uma mulher e um homem cabais. E isso não pode ocorrer sem a livre adesão do educando à proposta do educador. O aluno, ao aceitar livremente a tutoria, deu o primeiro passo no exercício de sua liberdade, e através da tutoria aprenderá a usar retamente de sua liberdade a todo o momento. Sem esse compromisso livre, não poderá realizar o desenvolvimento aprimorado de sua pessoa.

5- Pelo que você diz, acredito que em sua opinião a tutoria procura objetivos educativos muito importantes. Quais desses objetivos você destacaria em concreto?

Os objetivos que sempre destaco na tutoria são de ordem especialmente docente. O tutor deve saber harmonizar ensino e orientação, que são as duas faces da mesma moeda: a educação. Hoje em dia há a tendência de se pensar que uma coisa é ensinar e aprender conteúdos, e outra coisa seria formar a pessoa, mediante uma orientação mais propriamente psicológica. Para mim, o grande objetivo de um tutor é o de formar através da docência. Um bom tutor é um bom professor de uma matéria, que se propõe ensinar a pensar, a refletir sobre o que se vai aprendendo, a tirar conclusões pessoais a respeito da vida e do mundo de hoje, tendo como referência critérios claros e objetivos, e adquirindo pouco a pouco essa capacidade crítica que hoje é tão necessária para não se cair na armadilha de se deixar manipular e confundir por aqueles que se regem pelo relativismo do “vale tudo”, que leva à indiferença, já que *tanto faz uma coisa como outra*, e nada é absoluto. Isso é ensinar educando. É preciso conceber a ação tutorial como parte integrante da função docente, e não como um acréscimo a ela. Toda situação de ensino, especialmente no colegial (aulas, orientação de trabalhos escritos – ensaios, monografias, de um aluno ou de um grupo, provas, etc) proporciona ocasiões de dialogar formativamente com eles, sobre hábitos intelectuais de análise, síntese, avaliação crítica, raciocínio lógico, criatividade, etc., e sobre hábitos ou virtudes humanas como capacidade de esforço, ordem, constância, entusiasmo, interesse pela

matéria, etc. Isso supõe dedicação por parte do tutor, traduzida em tempo real, em compromisso livre e eficaz com essa tarefa e essa ajuda.

6- É possível, através da tutoria, chegar a conhecer a personalidade e os problemas dos alunos?

As pessoas, os alunos, todos nós, somos únicos, irrepetíveis. Cada um é cada um. Os alunos têm temperamentos diferentes e vivem em circunstâncias diversas de tipo familiar, social, cultural, etc. O bom tutor os observa nas situações típicas da vida escolar: nas aulas, nos recreios, nas excursões, nos concursos, em todo momento. E os vai conhecendo. Mas a situação mais importante é a entrevista pessoal, individual, com os alunos que tem a seu cargo. Se o tutor reúne as qualidades próprias de quem se propõe a ajudar os outros, se conquistou a confiança de seus alunos, confiança que surge espontaneamente se o professor confia neles, se acredita nele e em sua boa vontade de se formar, os alunos aceitam de bom grado seu convite para conversar: sobre o estudo, sobre seus possíveis problemas de aprendizagem, sobre a influência que exercem sobre suas tarefas um sem fim de vivências que possui, de caráter mais pessoal ou íntimo, derivadas de seu temperamento, do grau de maturidade que alcançou, e – evidentemente – das pressões do ambiente atual, ou talvez do contexto familiar ou do confucionismo reinante hoje em dia a respeito de valores, de crenças, ou do modo coerente de viver os próprios valores. Muitos dos problemas dos adolescentes de hoje tem suas raízes no relativismo moral que os rodeia.

7- E qual a contribuição da tutoria para o colégio, e para as famílias?

Nesta altura de nossa conversa você mesma poderia responder a essa pergunta. Digo apenas duas coisas. Nessa “cultura da avaliação da qualidade de educação” em que estamos imersos, eu diria que um dos indicadores de qualidade mais confiáveis – o mais expressivo de todos – é que o colégio pratique a tutoria, com os professores-tutores realmente bem preparados, e exercendo-a em todas as suas dimensões. Que as famílias possam ter a segurança de que o colégio trata seus filhos de forma personalizada. Por isso é muito importante que essas famílias se envolvam na tutoria, cooperando em todo momento com os tutores de seus filhos. Eu as aconselho que tratem muito com os tutores, que conversem com eles sobre seus filhos, e que quando surgirem problemas acadêmicos ou de outro tipo, falem primeiramente com o tutor, e somente depois com o filho, ou com os outros professores envolvidos no assunto.

8- Para terminar, que qualidades você destacaria no tutor, para que sua ajuda seja eficaz e os alunos cresçam, amadurecendo, em liberdade, como se pretende nos projetos educativos dos colégios de educação personalizada?

É bem sabido que se educa mais pelo que se é do que pelo que se diz ou se faz. O decisivo no tutor e em sua ação são as qualidades pessoais, o modo de proceder na vida, sua integridade e sua honradez, que ganham o respeito e a confiança dos alunos não apenas por seus conhecimentos, mas por sua forma pessoal de demonstrar seu interesse por eles. Dito isso, costumo sintetizar em dez as qualidades de quem, como tutor, se propõe ajudar a outros, sejam quem forem. Dez atitudes e capacidades que são plenamente aplicáveis à atuação dos pais com seus filhos, pais que o tutor também deve orientar. Eis aqui um quadro com essas dez atitudes, que você pode, se quiser, publicar juntamente com esta entrevista.

DEZ QUALIDADES ESSENCIAIS PARA A AÇÃO DE AJUDAR OS OUTROS, aplicáveis à tutoria, e aos pais de família.

1- *Querer ajudar, com propósito decidido*, com entrega, dedicação, e disponibilidade. Ter interesse autêntico pela pessoa a quem se ajuda, como tal, em si mesma; e desinteresse por si próprio, servindo-a sem buscar intencionalmente compensações pessoais (agradecimento, popularidade, afeto, etc.)

2- *Merecer a confiança*, a fé, o crédito do tutorado, por seu valor como pessoa lógica, honrada, íntegra; por sua forma de ser, por seu conhecimento e capacidade socialmente reconhecidos; por sua autoridade moral, não impositiva mas favorecedora da liberdade do outro.

3- *Depositar confiança* nas possibilidades reais do outro; em seus desejos de melhora, em sua vontade de aprender e de trabalhar bem: disposições às vezes adormecidas ou esquecidas por causa da atitude cética de “educadores” que cortam as asas dos alunos por não acreditar neles, por não confiar em sua boa vontade, apesar de seus possíveis erros e dos que cometa o próprio educador: retificar é de sábios, só aumenta a verdadeira autoridade.

4- *Saber querer*. Atitude de acolhida aberta, sem preconceitos, afetuosa em seus devidos limites; amor desinteressado, sem molezas injustificáveis. Expressiva capacidade de comunicação pessoal, com estilo próprio e naturalidade, sem afetação, genuína, com sinceridade e autenticidade. E ao mesmo tempo, independente, sem se deixar prender pelo mero afeto; e não absorvente, evitando criar no outro uma dependência afetiva: a meta de toda ajuda é ensinar o ajudado a governar sua própria vida, com liberdade responsável, com autonomia solidária.

5- *Capacidade de empatia*. A empatia consiste fundamentalmente em captar intuitivamente o mundo dos sentimentos e modos de pensar do outro, sua forma de enfrentar a vida: em ser capaz de ver ao outro como esse outro vê a si mesmo, de ver

como outro vê e sente o seu problema e as circunstâncias que o rodeiam. Supõe saber escutar.

6- Respeito. Saber respeitar o modo de ser do outro, seu temperamento, sua personalidade, conjugando a ajuda a melhorar com o respeito por suas qualidades pessoais, diferentes das nossas, e por suas deficiências, levando-o a superar seus defeitos com tato, sensibilidade e senso comum, no momento mais oportuno, exigindo amavelmente o que ele pode e deve dar de si, por puro respeito à sua potencialidade de desenvolvimento.

7- Segurança no agir. Íntegro, enérgico quando for necessário, sem complexos nem composições, sabendo cortar a desordem provocada por alguns, por justiça em relação à totalidade do grupo. E ao mesmo tempo flexível, sem rigidez mental, capaz de se acomodar ao outro e às suas circunstâncias sem abandonar suas próprias convicções e valores. Ser firme, ter ténpera, não titubear; Ser claro, sem ambigüidades por complacência ou por debilidade. E por outro lado, sem dramatizar, sem dar excessiva importância ao que não a tem.

8- Otimismo realista. Alegre, com senso de humor, capaz de animar ao outro apesar das dificuldades de todo tipo, fazendo com que ele veja o lado positivo das coisas. E ao mesmo tempo realista, objetivo, capaz de captar a realidade tal como é, sem cair na idealização do outro e de suas possibilidades objetivas, e sem supervalorizar suas próprias capacidades como agente de ajuda. O melhor “autoconceito”, a melhor “autoestima” se conseguem aceitando objetivamente a própria verdade pessoal, e a partir daí, lutando para ser melhor.

9- Ser exemplo de luta. Sem apresentar-se nunca como exemplo de perfeição – o que, por sua falsidade, produz o lógico repúdio por parte do outro – mas como alguém que luta com suas limitações, que é o que o aluno deve aprender a fazer. Com entusiasmo e ânimo de superar-se e ajudar o outro a se superar, sem se deixar vencer pelas dificuldades do caso ou pelas reações negativas da pessoa que se quer ajudar, sem conformar-se com a mediocridade incômoda e egoísta. Ser solidário para lutar por um melhor ser, para poder servir melhor os demais.

10- Confidencialidade. É um dever ético e profissional. Não comentar com ninguém, inclusive com os pais (se não existe um perigo iminente) o que o aluno lhe tenha confiado, abrindo sua intimidade em questões estritamente pessoais. Mesmo em outros assuntos, sempre pedir permissão. Se um aluno ouve de outra pessoa aquilo que confiou somente ao tutor, sua confiança desaparece imediatamente, para nunca mais voltar.